

Capítulo 5

ESTUDO DE RECEPÇÃO COM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

EM PAUTA AS OLIMPÍADAS E PARAOLIMPÍADAS/2012 NA MÍDIA SERGIPANA

Cristiano Mezzaroba

Keyte dos Santos Matos

Fabio Zoboli

Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro

É fato, com a chamada “década dos megaeventos esportivos”, o Brasil passou a atrair as atenções mundiais. Primeiro por ter sediado os Jogos Pan-americanos (em 2007 na cidade do Rio de Janeiro) que “abriu as portas” para o cenário internacional e as atenções político-econômica-esportivas; segundo, com a realização da Copa das Confederações (2013) – que se configurou como um preparativo para a Copa do Mundo de 2014. Terceiro, a perspectiva da realização dos Jogos Olímpicos (JO) e Jogos Paraolímpicos (JPO) em 2016, na capital fluminense. Com isto, o Brasil passou a se destacar não só no cenário esportivo como político, social e econômico.

Em 2012, ano olímpico que culminou como uma preparação brasileira para sediar os JO de 2016, foi em Londres/Inglaterra o local para a exacerbção do fenômeno esportivo nas suas múltiplas facetas, articulando,

para isso, os mais variados setores, como economia, cultura, política, educação e, claro, esporte – apresentados para a sociedade brasileira por meio das diversas mídias, em especial, televisão, jornais impressos e internet. É a mídia, no seu conjunto, que traz até nós, com sua produção e circulação de informações, esses produtos culturais simbólicos, e gera, assim, determinadas compreensões e representações do mundo esportivo, mercadorizando e (tele)espetacularizando o esporte (tornando hegemônico o modelo do esporte de alto rendimento) e implicando nas práticas corporais da sociedade, sejam aquelas presentes como conteúdos da Educação Física escolar (EFE), sejam aquelas tomadas no tempo de lazer da população.

Neste cenário, convictos de que a mídia antecipou e deu visibilidade aos JO/2012, na qual denominamos de *agendamento midiático-esportivo* (MEZZAROBA; MESSA; PIRES; 2011), analisamos as maneiras pelas quais determinados sujeitos recebem e interpretam tais discursos, ou seja, um estudo de recepção à mídia esportiva investigando professores de EF do Estado de Sergipe (SE), por serem esses sujeitos os potenciais responsáveis pela mediação pedagógica do tema *esporte* nas aulas de EF.

5.1 Breves considerações sobre esporte e mídia

O esporte enquanto instituição constituída no final do século XIX e início do XX e com o advento das grandes competições internacionais, atrai os olhares do mundo. Neste aspecto, com os meios de comunicação a relação espaço-tempo é reduzida e a possibilidade de estar longe e ao mesmo tempo perto, é materializada nas transmissões e mediações tecnológicas. Quando um indivíduo pára para assistir um jogo da seleção olímpica de vôlei, por exemplo, seus olhos se juntam a um “grande olho coletivo” através da mídia – seu corpo é virtualizado.

Além disso, passamos a vivenciar algo fascinante na dialética global-local durante os megaeventos, ou seja, o transporte de nossa identidade na representação local, para o herói esportivo o qual nos representa e a nós mesmos, enquanto “nação”, no que tange às questões da identidade cultural de um país. Como explica Bitencourt (2004, p.5): “[...] que os sujeitos sociais param para assistir aos Jogos Olímpicos. Esta sensação de estar parado apenas serve como baliza para aceleração que se opera quando um evento desta natureza se realiza”. Parece-nos que nestes momentos, o sentido cultural – identidade local – é subsumido pelo sentido nacional e o orgulho de ser “brasileiro” paira sobre todos nós.

“Atualmente, o esporte parece ser o parceiro preferencial da espetacularização na mídia televisiva porque oferece, em contrapartida, o *show* já pronto” (PIRES, 2002, p. 90). Passaram-se mais de dez anos quando Pires (2002) fez esta análise, mas, que ainda mostra-se no cenário social com força e amplitude jamais visto, o que ratifica a assertiva do autor. No caso brasileiro, isso fica mais evidente ainda, considerando-se a realização dos megaeventos em nosso país. É neste cenário que se estabelecem casamentos indissociáveis entre a mídia e esporte; entre o jornalismo e o esporte; entre a sociedade e esporte, entre a EF e o esporte, entre outros tantos exemplos que relacionam tais temáticas.

Segundo Freitas Filho (1985, p.51), “Esporte e jornalismo mantêm, hoje, mais do que nunca, uma estreita e harmoniosa relação em qualquer parte do mundo”. Significa que há, entre ambos, uma relação dupla: o esporte se serve da mídia (que o divulga e dissemina) e a mídia do esporte (utilizando-o como um produto para tratar e vender).

Para este autor, o jornalismo esportivo começou a se desenvolver a partir do momento em que as coberturas passaram a ser *permanentes*, ou seja, seqüenciais (para além do dia-a-dia), e não mais apenas a *cobertura circunstancial* (no momento de sua realização). Assim, os detalhes corriqueiros e a preocupação com as “imagens dos protagonistas do espetáculo” foram supervalorizados. Aos poucos, a notícia esportiva foi

ganhando mais espaço nos jornais, conquistando sua própria editoria e constituindo sua equipe própria (repórteres, redatores e cronistas). Há, no jornalismo esportivo, a figura dos *especialistas*, responsáveis pelas *colunas especializadas*, que “ocupam lugar de destaque nas páginas de esporte e refletem imaginários, desejos, escolhas da opinião pública, instituindo identidades e construindo vínculos” (Ibid, p.64).

Outra característica da relação esporte-jornalismo é a questão do espaço destinado ao esporte nos jornais. Quase que uma regra, o esporte *habita* as últimas páginas, “consideradas, juntamente com as primeiras, as mais atrativas e privilegiadas do conteúdo jornalístico.”

A *polifonia* seria outra característica do jornalismo esportivo. Ela pode ser entendida como uma “grande interdiscursividade, reunindo inúmeras vozes de personagens do campo esportivo e de outros que mantém relação com ele” (BORELLI, 2002, p.67).

Ainda sobre essas *inúmeras vozes*, que permitem o jornalismo instituir o esporte, Borelli & Fausto Neto (2002, p.68) escrevem que “[a partir delas] é que o campo esportivo ganha visibilidade na mídia, na medida em que são construídos sentidos através de enquadramentos, qualificações, nomeações, destaques, enfim, da tematização da atualidade.” Tal *polifonia* poderia ser caracterizada como a *falação esportiva*, denominação cunhada por Umberto Eco, em crônica de 1984 e recuperada por Betti (1998).

Outra questão relevante de ser destacada refere-se àquilo que Bourdieu (1997) denomina de *circulação circular de informação*, ou seja, a mesma informação circulando entre diversos veículos de comunicação, como num círculo vicioso.

Sabe-se, pautados na história de alguns esportes, que a mídia tem o poder de mudar as regras, adequar ou mudar o tempo de jogo, mudar um horário ou alterar uma tabela. Sem falar que atualmente ela está colocando em xeque algumas regras pela potencialização visual

que ela dá ao espetáculo esportivo, por exemplo, um árbitro de futebol com seus dois assessores têm uma visão infinitamente mais reduzida que as 15 ou 20 câmeras que cobrem uma partida durante os 90 minutos de jogo.

Portanto, a relação esporte e mídia no modelo de sociedade atual está imbricada diretamente na formação das pessoas, no sentido de que essas pessoas não consomem somente o espetáculo esportivo, mas, também, por consumirem e estarem envolvidas no processo ideológico das mensagens e narrativas esportivas que chegam até elas diariamente através dos diversos veículos midiáticos, o que ratifica a importância de sua reflexão crítica no âmbito da Educação Física escolar.

5.2 Contextualizando a recepção midiática

Nos últimos anos, as investigações no campo comunicacional, em especial aquelas referentes ao universo da EF e do esporte, tem se alargado, intensificando-se e complexificando-se, como podemos constatar a partir de alguns estudos, dentre os quais, aqui, utilizamos Azevedo *et al* (2008) e Pires *et al* (2006). Este último estudo, em especial, mostrou que a ênfase nos estudos que tratam da mídia esportiva brasileira volta-se à análise de produção midiática, ou seja, a ênfase nos meios emissores e suas mensagens, e com isso, certa incipiência nos estudos que se propõe ao campo da recepção.

Algumas pesquisas têm se dedicado a compreender e investigar a maneira pela qual essa *avalanche* de produtos culturais simbólicos está sendo recebida, interpretada e ressignificada pelos sujeitos. Estudos que acompanharam dois eventos esportivos configurando-se como estudos de recepção ao discurso midiático-esportivo implicando diretamente à EF – Antunes (2007) e Mezzaroba (2008) – analisaram, respectivamente,

jovens de uma escola pública e de uma instituição particular, referente à Copa do Mundo de Futebol da Alemanha em 2006 e aos Jogos Pan-americanos no Rio de Janeiro em 2007. Perceberam que os jovens estão em constante contato com a mídia em geral, mas, mostram-se ainda bastante ingênuos a tais discursos, apresentando uma visão heterogênea e ambígua sobre esses mesmos discursos, com certo *olhar de torcedor* àquilo que foi veiculado pela mídia nesses períodos de intensa divulgação de informações esportivas.

Pesquisas caracterizadas como “estudos de recepção” com professores de EF não são muito conhecidas no âmbito brasileiro, e, talvez, esteja aí certo ineditismo deste estudo, ao triangular a análise dos produtos midiáticos com a recepção esportiva, neste caso, específico com professores de EF, sujeitos responsáveis pela mediação institucional escolar no sentido de alargar as compreensões em torno do fenômeno esportivo para além de sua simples prática ou consumo midiático.

Embora os meios de comunicação, em especial a televisão, tenham certa capacidade de influenciar poderosamente sobre o processo de representação da realidade através da audiência, “moldando” a maneira como as pessoas “enxergam o mundo” (LINS DA SILVA, 1985, p. 52), é necessário que se considere o *receptor* (leitor, telespectador, ouvinte, internauta) como sujeito que ressignifica o discurso e os acontecimentos.

Este processo de compreensão a partir do contexto sociocultural do sujeito que acompanha aquilo que a mídia veicula chama-se *mediação* (conceito utilizado pela corrente da sociologia latino-americana – que tem os autores Guillermo Orozco e Jesus Martín-Barbero como mais proeminentes), ou seja, procura-se entender que os produtos da mídia não são coisas prontas, acabadas, como se fossem dadas e assim assimiladas de uma forma homogênea. Desta forma, os estudos de recepção propõem a reflexão sobre aquilo que o público faz com o discurso vindo da mídia a partir dos seus diferentes contextos sócio-histórico-cultural.

Trata-se de uma mudança paradigmática, já que antigamente a pergunta que se fazia era “o que os meios de comunicação fazem com os indivíduos?”; e no momento presente a pergunta migra para “o que os indivíduos fazem com os meios de comunicação?”. (FERREIRA, 2005)

Jacks e Escosteguy (2005) fazem um mapeamento de algumas correntes e propostas desenvolvidas na América Latina com relação às transformações dos estudos de comunicação da década de 1960 à década de 1980 e identificam um movimento de renovação teórica que teve no pesquisador Jesús Martín-Barbero o formulador dos *estudios latino-americanos de recepción*. Sua grande contribuição com o conceito de *mediação* foi considerar a comunicação a partir da cultura, naquilo que ele denomina de *mediação cultural*, ou seja, os sujeitos estão inseridos em diferentes contextos socioculturais, sendo a cultura, portanto, a mediadora do processo midiático.

A partir de Martín-Barbero, outros pesquisadores passaram a integrar a chamada *Corrente Latino-americana da Sociologia da Comunicação*, como o mexicano Guillermo Orozco (que operacionalizou as mediações naquilo que chamou de *dialética das múltiplas mediações* ou *multimediações*, isto é, as mediações *individuais*, *situacionais*, *institucionais* e *tecnológicas*); o argentino Nestor García Canclini (construiu uma teoria sociocultural do consumo); o também mexicano Jorge González (*frentes culturais*); e a organização não-governamental chilena CENECA – Centro de Indagación y Expresión Cultural e Artística – que cunhou o termo *recepção ativa* (JACKS e ESCOSTEGUY, 2005; JACKS e TUFTE, 1998; FERNANDES, 2005; GUEDES, 1998).

Desta maneira, optar pela perspectiva da recepção é interessar-se pela *decodificação* realizada pelos indivíduos daquilo que eles vêem na mídia, algo que compreende “a construção subjetiva de significados a partir dos conteúdos da comunicação” (RUÓTOLO, 1998, p.154). Assim, entende-se que “a audiência é ativa e atribui significados aos meios de acordo com sua realidade sócio-cultural. Estas perspectivas

deslocam o foco de análise da simples exposição para a interpretação das mensagens.” (Ibid., p.155)

As mediações configuram-se, nas palavras de Ruótoló (1998), como “rituais de negociação de significados” e possibilitam a cada receptor uma interpretação (já que não existe interpretação única). A *mediação*, portanto, seria uma vertente importante desta perspectiva, entendida como “um amplo confronto de todos os atores no processo de recepção: os meios, os receptores, as comunidades, os movimentos sociais etc.” (Ibid., p.157). Orozco (2006, p.88) entende “as mediações como processos estruturantes que provêm de diversas fontes, incidindo nos processos de comunicação e formando as interações comunicativas dos atores sociais.”

Segundo Jacks (1999, p.48-49), a *mediação* é:

um conjunto de elementos que intervêm na estruturação, organização e reorganização da percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade. As mediações produzem e reproduzem os significados sociais, sendo o ‘espaço’ que possibilita compreender as interações entre a produção e a recepção.

A essa busca de integração nos enfoques entre o que é veiculado pelo emissor com o que é (re)significado pelos receptores corresponde à necessidade atual dos estudos da comunicação, pois se antes os estudos dos efeitos (limitados ou ilimitados) tinham como certas as ações dos veículos midiáticos, recentemente “tal certeza entra em declínio, e estes novos estudos vão caracterizar os efeitos dos meios de comunicação pela sua natureza difusa, indireta e cognitiva” (FERREIRA, 2005, p.1).

Ainda sobre as mediações, Orozco (1993) operacionalizou uma maneira para estudá-las, naquilo que ele chamou de *Dialética das múltiplas mediações* ou *Multimediações*. Sua *tipologia* sugere quatro grupos de diferentes mediações:

- Mediação individual: é a mediação que surge do sujeito, do ponto de vista cognoscitivo e emotivo e também social. São mediações que se referem ao histórico de vida, ao gênero, à idade, etnia, ao desenvolvimento cognitivo, aos fatores emocionais e afetivos, à percepção entre outros.
- Mediação situacional: refere-se à situação em que há interação entre o veículo midiático e o auditório, multiplicando-se de acordo com os diferentes cenários em que ocorre essa interação/recepção. Aqui se considera o lar e seu tamanho físico, os cenários da rua e da escola, situação sócio-econômica, o momento do dia em que se assiste, com quem estou vendo (sozinho e/ou acompanhado), onde estou vendo etc.
- Mediação institucional: são as mediações nas quais os sujeitos estão inseridos e interagem no seu cotidiano, participando de forma regular e seguindo regras e procedimentos institucionais específicos. Exemplo: a família (instituição social primária), o Estado (leis), Igreja (religião), escola, grupos de amigos, comunidades virtuais, clubes, associações entre outros.
- Mediação tecnológica: é a mediação particular da televisão e de cada veículo midiático, através de suas linguagens e características específicas, por considerar que elas não só reproduzem a realidade, mas também conseguem produzi-la à sua forma. Um exemplo desta mediação seria o *gênero* (informativo, telenovela, transmissão esportiva, programas de auditório, musicais etc.) (OROZCO, 1993; GOMES e COGO, 1998; JACKS e ESCOSTEGUY, 2005).

Assim, de acordo com a *dialética das múltiplas mediações*, deve-se atentar para a *escola*, instituição que é vista como responsável por exercer um papel fundamental na chamada *mediação institucional*; e essa mediação escolar, no trato com os saberes e as informações que produzem a realidade,

pode representar um diferencial na qualidade da compreensão do discurso midiático – o que justifica a realização deste estudo na escola. Até porque, como nos menciona Martín-Barbero (2006, p.56):

A escola está deixando de ser o único lugar de legitimação do saber, já que há uma variedade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. A diversificação e a difusão do saber, fora da escola, são dois desafios mais fortes que o mundo da comunicação propõe ao sistema educativo.

Nesta pesquisa, portanto, investigamos professores de EF que atuam na rede pública de SE, no período que antecedeu os JO/2012, na tentativa de identificar e analisar como tais sujeitos, responsáveis pelo conteúdo esporte, receberam, interpretaram e ressignificaram as informações oriundas das mais variadas mídias que trataram deste megaevento esportivo.

5.3 A metodologia da pesquisa

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, por trabalhar com o universo de significados, crenças, valores e atitudes presentes na realidade social humana (MINAYO; GOMES, 2010), caracterizou-se como um estudo observacional-descritivo (TRIVIÑOS, 1987), do tipo *estudo de recepção*, cuja abordagem em relação ao objeto recortado da realidade objetiva compreendeu o discurso midiático-esportivo em torno da cobertura dos JO/2012 a partir dos olhares e entendimentos dos professores de EF, no período anterior à realização do megaevento esportivo, ou seja, do dia 25 de junho até o dia 27 de julho de 2012 – totalizando 33 dias.

Optamos, estrategicamente, pela divisão político-geográfica do estado de Sergipe (SE) em 5 grandes regiões (chamadas de *distritos*: Estância, Lagarto, Nossa Senhora da Glória, Japarutuba e Aracaju). A partir

deste mapeamento, em cada um desses distritos, sondamos um ou dois sujeitos que pudessem participar e que tivessem o desejo de contribuir com a investigação. Assim, nossa pesquisa foi composta por 06 sujeitos participantes – professores de EF – distribuídos pelo estado de SE. Como o estudo não teve a pretensão de generalizações, o pequeno grupo permitiu-nos pensar em um contexto local bastante específico e a diversidade dos resultados que foram encontrados refletem, de certa forma, no campo pedagógico da EF, onde visualizamos possibilidades com a mídia.

O primeiro momento da pesquisa consistiu em capturar as informações veiculadas pela mídia de maneira genérica. Os sujeitos preencheram os *questionários recordatórios*¹ informando, dia após dia, tudo que viram ou ouviram falar a respeito do megaevento esportivo, o que totalizou 194 informações desses sujeitos em torno dos JO/2012.

O segundo momento constituiu-se na etapa de compreender um pouco mais o universo desses sujeitos, bem como suas mediações culturais, através de um questionário misto, inclusive com questões que poderiam melhor compreender o primeiro momento da pesquisa. Este questionário teve como objetivo coletar informações sobre o acesso às mídias dos sujeitos pesquisados (televisão, internet, mídia impressa, rádio etc.) além de quantificar os *rituais* desses sujeitos frente a estas mídias. À luz de elementos teórico-metodológicos da *análise de conteúdo* (BARDIN, 2009), observamos, a partir do material recolhido através desse segundo questionário, algumas características da mídia no tocante ao agendamento e às transmissões dos JO dos professores pesquisados.

O terceiro momento estabeleceu-se em identificar, através de um questionário aberto, a opinião formada dos professores sobre o megaevento esportivo investigando a forma como esses educadores o incorporaram em sua prática escolar. Desse modo, averiguamos de

1 São instrumentos de coleta de dados em que os sujeitos descrevem, diariamente, o que viram, ouviram ou acessaram a respeito do megaevento em questão, bem como o veículo midiático em que a informação foi veiculada.

que modo se configurou a influência desse acontecimento esportivo na vida profissional dos docentes. Ainda assim, verificamos de que maneira o modo de transmissão, alterado em decorrência da transferência de exclusividade de exibição entre redes televisivas (Rede Globo para Rede Record), influenciou no acompanhamento dos JO.

Os dados coletados, referentes ao primeiro momento, foram organizados e analisados, inicialmente, quantitativamente, conforme Tabela 1; depois, fizemos a *análise de conteúdo* (BARDIN, 2009), com a criação de categorias oriundas do campo empírico, conforme Quadro 1. Já os dados dos segundo e terceiro momentos foram tratados qualitativamente, na sequência, no exercício de dialogar com os primeiros achados da pesquisa e também com a literatura específica.

5.4 Apresentação e discussão dos dados

Na tabela 1 apresentamos as informações agrupadas dos sujeitos da pesquisa e o quantitativo dos acessos aos veículos midiáticos ao longo do acompanhamento. Entre os sujeitos da pesquisa, quatro (4) atuam em escolas estaduais sergipanas, um (1) na rede municipal e um (1) na instituição federal.

TABELA 1: QUANTITATIVO DOS ACESSOS AOS VEÍCULOS MIDIÁTICOS PELOS SUJEITOS

SUJEITOS	REGISTROS DOS VEÍCULOS MIDIÁTICOS OBSERVADOS			
	Internet	Televisão	Mídia impressa	TOTAIS
MA	62	03	04	69
MK	19	29	00	48
NA	19	14	00	33

RI	02	00	24	26
LD	09	00	01	10
MR	02	04	00	06
TOTAIS	113 (58,9%)	50 (26,0%)	29 (15,1%)	192 (100%)

É importante considerar que o “registro” é uma notícia ou nota ou uma informação relatada pelo sujeito ao acessar os veículos midiáticos, sendo sua soma, portanto, não igual ao total de acessos, pois, num mesmo acesso a determinado veículo o sujeito pode ter lido/ constatado/relatado mais que apenas uma única notícia ou informação.

Antes de seguirmos com os dados e sua discussão, cabe corroborarmos com Resende (2006, p.188), em relação ao processo de comunicação no espaço público contemporâneo, o qual é entendido como:

‘elemento contributivo’ porque tece e desenrola os fios locais e globais; é ‘indicativo de ação’ porque, mediante os meios, apresenta a trama, fazendo com que seus atores a (re)conheçam; é ‘mediador de culturas’ porque, com os meios, viabiliza a troca de conhecimentos. Nesse contexto, os meios enquanto espaço de configuração do processo, antes de ser os vilões dominadores, são parte do jogo de poder, jogo que entra em cena com a eclosão de novas possibilidades de negociação de sobrevidas.

Ainda no que tange ao processo de comunicação, porém agora suspenso e analisado a partir de sua inserção social, Baudrillard (2011, p.129) menciona que:

Vídeo, real interativa, multimídia, internet, realidade virtual: a interatividade nos ameaça de toda a parte. Por tudo, mistura-se o que era separado; por tudo, a distância é abolida: entre os sexos, entre os pólos opostos, entre o palco e a platéia, entre o protagonista da ação, entre o sujeito e o objeto, entre o real e o seu duplo.

Assim, em meio a essa diversidade de veículos e a essa quantidade de registros informados pelos professores, é necessário

considerar essa apropriação daquilo que foi acompanhado por eles em torno dos JO/2012, considerando-os interlocutores no contexto escolar, mediadores entre o que foi produzido midiaticamente (principalmente pelo acesso deles à internet e à televisão, representando 85% das informações relatadas) e os saberes sobre o fenômeno esportivo.

No quadro 1 apresentamos as categorias oriundas dos dados dos questionários recordatários, o primeiro momento da coleta dos dados, em que verificamos o múltiplo e diverso contexto observacional de tais professores no momento anterior dos JO/2012:

QUADRO 01 – IDENTIFICAÇÃO E APRESENTAÇÃO DAS CATEGORIAS

<p><i>Preparação e realização dos Jogos</i> (228 registros)</p>	<p>Refere-se aos registros que informaram sobre o contexto da aproximação dos Jogos Olímpicos, envolvendo a preparação para os mesmos (divulgação e infraestrutura, por exemplo), bem como questões sobre sua realização (abertura, cobertura das modalidades que iniciaram antes da abertura do evento, acompanhamento de alguns atletas estrangeiros etc.).</p>
<p><i>Entretenimento</i> (101 registros)</p>	<p>Categoria formada por uma variedade de informações, dos mais diversos temas relacionados aos Jogos, como por exemplo, aspectos históricos, tabelas de disputas das mais diversas modalidades, representantes de alguns países que seriam os porta-bandeiras, uso de doping no esporte, interação com o público – como jogo de perguntas e respostas chamados <i>Quis</i> – entre outros que poderíamos chamar de “fofocas” do megaevento esportivo.</p>
<p><i>Atletas brasileiros</i> (84 registros)</p>	<p>Categoria constituída com as informações exclusivas sobre atletas brasileiros representantes nos Jogos Olímpicos, seja em relação às questões de treinamento, os/as atletas favoritos à medalha olímpica, lesões, cortes e polêmicas em geral.</p>

Fonte: os Autores.

Nesta pesquisa ratificou-se o que já é de conhecimento geral, em que todos os sujeitos investigados possuem aparelho televisor em suas casas. Sendo que um deles respondeu possuir três aparelhos; três sujeitos informaram possuir dois televisores e dois professores relataram possuir apenas um televisor em seu lar. Este é um dado importante na relação emissão e sujeitos receptores, pois, culmina que a comunicação, ou melhor, a transmissão das informações por este meio torna-se determinante. Com isto, o processo ideológico também incide sobre as pessoas uma vez que este processo não é neutro.

Outro aspecto em nossos “achados” foi que, ao perguntar se assistem à programação da televisão aberta, todos (06) informaram que assistem canais como *Rede Globo* (6 sujeitos), *Rede Record* (4 sujeitos), *SBT* (4 sujeitos), *Band* (3 sujeitos), *TV Gazeta* (2 sujeitos), *Esporte Interativo* (2 sujeitos), e canais como *TV Escola*, *Canal Brasil*, *Cultura/PR*, *RedeTV* e *Cultura* também foram citados uma vez pelos sujeitos da pesquisa, o que implica na relação de poder que se configura no mundo da mídia e que se materializa em monopólios em alguns centros, principalmente com a televisão devido o alcance que esta mídia/instituição alcança. Como alerta Bolaño (1988, p. 25) “[...] a televisão, por suas próprias características, se desenvolveu criando uma grande massa de telespectadores que tendencialmente é formado pelo conjunto da população brasileira”. Ainda, com a ampliação dos canais e a possibilidade de outras opções, paira sobre a sociedade em geral e os sujeitos da pesquisa em específico, um distanciamento das opções pela TV pública.

Um pouco diferente é a relação dos sujeitos com o acesso à televisão paga (canais fechados), uma vez que somente 3 (três) informaram ter acesso à programação e a preferência recai nos canais esportivos – *SporTV* foi o mais citado (3 vezes) - juntamente com canais genéricos de filmes e outros canais como *Fox*; *Viva*, *ESPN*; *NatGeo*; *HBO*; *Bio*; *Canal Brasil*; *Space* e *Discovery*.

Neste sentido que observamos no tocante aos programas televisivos que costumam assistir, os *filmes* foram o que mais apareceram (06 vezes, ou seja, todos sujeitos desta pesquisa assistem filmes); seguido por *noticiário/jornal* e *programas esportivos/transmissões esportivas* (05 respostas para cada um desses gêneros); também, apareceram *novelas* e *documentários* (ambos com 03 respostas cada); *séries* e *desenhos/programas infantis* (02 respostas cada); *programas de auditório* apenas (01 resposta); *programas de fofocas/variedades* não recebeu nenhuma menção.

A publicidade e propaganda que são veiculadas nos intervalos ou mesmo no interior da programação (como nos casos de *merchandising*) constituíram-se parte significativa dos objetivos da pesquisa e ao perguntamos sobre a atenção dada para estas “arapucas” da TV comercial, as respostas que obtivemos foram: 03 sujeitos relataram prestar atenção às propagandas; 02 sujeitos consideram não prestar atenção a isso e 01 sujeito informou que “às vezes” considera tal questão.

Em relação aos aspectos situacionais da mediação televisiva, 03 sujeitos informaram que costumam assistir à televisão *sozinhos*, enquanto 04 deles relataram assistir à televisão *acompanhados* (poderia ser consideradas as duas possibilidades na resposta à pergunta). Geralmente, os sujeitos investigados, assistem à televisão *acompanhados* de seus/suas companheiros/as (03 respostas), seguida de *amigos/amigas* (01 resposta) e *outros* (01 resposta). Este também é um aspecto importante, pois, tenciona o debate entre os pares, companheiros e companheiras, amigos entre outros, que pode ampliar a compreensão acerca da mensagem emitida. O tradicional “bate-papo” após, um jogo, um filme, reforça os aspectos simbólicos da mídia (televisão).

Os dados da pesquisa, ao menos para este pequeno grupo, confirmam que estamos presenciando um “mundo da internet”, através dos portais de informação ou mesmo das redes sociais, como *Facebook*, entre outras em que a informação circula em velocidade e amplia a conversação entre as pessoas. Ficou evidente tal constatação

uma vez que todos os sujeitos informaram que possuem computador em suas casas com acesso à internet, com predominância de *internet a cabo* e *internet a rádio*, até porque ao acompanharem no período anterior de um mês do megaevento, quase 59% dos dados foram oriundos da internet.

O uso de tal tecnologia constitui um fato e o acesso à internet se torna cada dia mais amplo e facilitado, chegando aos locais mais longínquos. Na pesquisa, apenas 01 sujeito informou não possuir acesso à internet fora de sua casa. Os outros 05 sujeitos possuem acesso, sendo que 04 deles informaram que o local é a escola em que trabalham. Dado este que confirma que as escolas, ao longo dos últimos anos, estão criando espaços para incluir alunos e professores no âmbito das Tecnologias da Informação e Comunicação (Tic's) e do acesso à internet, o que representa, a nosso ver, um possível avanço nos aspectos relacionados ao processo ensino-aprendizagem.

Essa cultura do acesso à rede e a produção – com responsabilidade – do conhecimento *com* e *através* da mídia, o que Fantin (2006) denomina *mídia-educação*, pode permitir a criação de um campo de reflexão sobre o esporte. Este acesso é do tipo *a cabo/ADSL* (03 sujeitos); *a rádio* (02 sujeitos) e 01 sujeito informou ser *outro*.

Rivoltella (2012, p.26) nos alerta que hoje “a tarefa da mídia-educação é educar produtores, e não só receptores críticos. [...] hoje, esse receptor não é só receptor, é também produtor”. Com isto, queremos dizer que estamos pensando a mídia-educação em convergência da educação para cidadania e também, sua integração a outras educações, ou seja, a diversidade cultural e múltipla. Talvez os dados que apontam nesta pesquisa para o uso do computador dentro e fora da escola representem uma ruptura no sentido da mídia-educação situada apenas no ambiente escolar, apontando sua possibilidade no âmbito informal.

De acordo com Mendonça (2006, p.31), a cultura “é ao mesmo tempo constituinte e constituída”, se nela existe a prática social ao

mesmo tempo em que há um sistema que lhe atribui sentido, sendo este, indissociável da ação social a que atribuiu sentido, estando tudo isso em constante produção, reprodução e renovação, é necessário insistir que a mídia seja trabalhada desse modo na escola para que os alunos incorporem a utilização dessa ferramenta em benefício de sua constante formação.

Sabemos que a maneira de se usar a internet, ainda precisa de uma “reeducação”, pois, por exemplo, são limitadas as opções de uso dos professores investigados em relação à esta tecnologia, limitando-se ao uso por e-mail e acesso a portais de notícias/jornais, ou ao (maciço) uso das redes sociais ou mesmo ao (restrito) uso de *blogs*.

O uso da internet constitui um fato e observamos que o acesso a esta é cada dia mais amplo e chegando aos locais mais longínquos. Além disso, a rede passa a nos acompanhar por todo lugar e a toda hora foi o que constatamos ao perguntarmos sobre o acesso à internet fora de casa, apenas 01 sujeito informou não possuir. Os outros 05 sujeitos possuem acesso, sendo que 04 deles informaram que o local é a *escola em que trabalha*; 01 sujeito informou que é *no trabalho*. Outro aspecto importante é que além das famigeradas *lan houses*, a cada dia as escolas – principalmente as públicas – vão criando espaços para incluir alunos e professores no âmbito das Tic’s e do acesso à rede internacional de comunicação, o que representa, a nosso ver, um ganho incomensurável para a relação professor-aluno-aprendizagem. Dos 06 sujeitos, 04 deles informaram que há este espaço/equipamentos em suas escolas o que a cada dia vai se criando a cultura do acesso à rede, a produção – com responsabilidade – do conhecimento com e através da mídia e principalmente, criando um campo de reflexão sobre o esporte de modo geral.

Neste sentido trazemos ao texto a citação de Lévy (1996, p.46):

O computador como suporte de mensagens potenciais já se integrou e quase se dissolveu no ciberespaço, essa turbulenta zona de trânsito para signos vetorizados. Antes de abordar a desterritorialização do texto, evoquemos portanto a virtualização do computador.

As opções de uso que os professores investigados têm em relação à internet, se materializam na forma da utilização de *e-mail* e *portais de notícias/jornais* (receberam menções de todos os 06 sujeitos); uso das *redes sociais* e das *plataformas educacionais* (recebeu 05 menções cada); *blogs* e *youtube* foram (duas vezes cada); *sites de relacionamentos* e *sites de busca* também receberam uma menção cada. Percebemos com isto, que os sites e conteúdos que costumam acessar os sujeitos são bastantes genéricos, não especificamente nenhum deles, com exceção do *Facebok* e da *TV Escola*.

Algumas menções dos sujeitos são importantes para localizar o uso das ferramentas midiáticas, sua formação complementar a partir delas e a possível articulação com seu campo de trabalho pedagógico, como por exemplo:

Sites de busca, artigos científicos, vídeos ilustrativos para trabalhar os conteúdos nas aulas de Educação Física, textos com opiniões de estudiosos sobre temas específicos para serem debatidos com alunos, e-mail, materiais didáticos para as aulas, sites de notícias, blogs sobre assuntos específicos. (MA)

Facebook hotmail. google, google acadêmico, twitter, infonet, uol, R7, G1, Folha, Esporte interativo, ESPN. (MK)

Abaixo, no Quadro 02, sintetizamos a questão da quantificação do tempo de uso diário tanto da televisão como da internet a partir das respostas dos sujeitos participantes.

QUADRO 02: TEMPO DE USO DIÁRIO EM RELAÇÃO À TELEVISÃO E À INTERNET

TEMPO DIÁRIO	TELEVISÃO	INTERNET
Menos de 1 hora/dia	–	–
Em torno de 1 hora/dia	1 sujeito	2 sujeitos
Entre 1 a 2 horas/dia	3 sujeitos	2 sujeitos
De 2 a 3 horas/dia	1 sujeito	2 sujeitos
Mais de 3 anos/dia	1 sujeito	–

Fonte: os Autores.

Quantitativamente, o uso diário, seja da televisão, seja da internet, por parte desses professores, não se apresenta como algo exagerado. Nenhum deles relatou usar menos de 1 hora/dia os dois veículos.

O que podemos considerar a partir do quadro acima é que há um uso diário, seja da televisão ou da internet, por parte destes professores. Apenas um deles informou ficar mais de 3 horas por dia acompanhando a programação da televisão. Aqui, esboça também nossa preocupação em pensar – no caso da esfera pública – a criação de lócus específicos para formação permanente e continuada dos professores em geral.

A cada dia somos surpreendidos com as inovações tecnológicas e muitas delas passam a fazer parte do cotidiano dos alunos. É o caso do celular, que possui múltiplas funções e que antes de negá-lo no âmbito escolar, poder-se-ia constituir-se num grande aliado à produção do conhecimento.

Nesta pesquisa fica evidente que os alunos dos professores investigados ainda não fazem uso de tecnologias de informação como smartphones ou tablets (05 informaram), mas que já se configura no universo escolar (um professor informou que os alunos fazem uso), o que gera uma corrente e dissemina entre os demais.

A mídia impressa, por exemplo, apesar de anunciada por alguns sua extinção (isto tem um fundo de verdade, uma vez que apenas 02 sujeitos informaram possuir assinatura de jornal impresso – A Revista Nova Escola e o Jornal do SINTESE) pode potencializar o imaginário de professores e alunos, além de ser um primeiro momento para a construção e reflexão da própria mídia, mas, que precisa de vontade política e formação dos profissionais antenados com estas possibilidades, até porque os professores já fazem uso de material impresso como suporte pedagógico para as aulas (nesta pesquisa 05 sujeitos fazem uso), como podemos constatar a partir dos seus depoimentos:

Revistas, jornais, livros. (RI)

Por exemplo, se quero trabalhar as questões relacionadas ao corpo e aos padrões corporais, trago revistas como a Boa Forma, que ressaltam um padrão corporal a ser seguido por homens e mulheres, problematizando relações com o cotidiano dos alunos. (MK)

Reportagens de temas específicos relativos ao que trabalhamos em aulas. (MR)

Lévy (1996, p. 50) corrobora na interpretação destes nossos dados ao mencionar que:

A multiplicação das telas anuncia o fim do escrito, como dão a entender certos profetas da desgraça? Essa idéia é muito provavelmente errônea. Certamente o texto digitalizado, fluido, reconfigurável à vontade, que se organiza de um modo não linear, que circula no interior de redes locais ou mundiais das quais cada participante é um autor e um editor potencial, esse texto diferencia-se do impresso clássico.

Além de material impresso, percebemos também na pesquisa que os professores fazem uso das tecnologias em suas aulas, ou seja, todos os sujeitos costumam utilizar com freqüência a televisão nas práticas pedagógicas e esta utilização está relacionada a apresentação de *filmes; vídeos educativos baixados da internet; vídeos de programas esportivos para serem debatidos* e que são relacionados aos *conteúdos trabalhados em aula* entre outros e isto é um fator importante para uma reflexão – fazer compreendendo – de professores e alunos quando lhes aparecem um mega evento esportivo como as Olimpíadas e Copa do mundo de Futebol.

Abaixo, apresentamos algumas das respostas desses professores, sujeitos da pesquisa, em relação ao uso da televisão nas suas práticas pedagógicas:

Conteúdos que estão sendo ministrados em sala de aula. ((RI)

De acordo com o conteúdo a ser abordado, por exemplo, relações entre esporte e mídia, padrões corporais. Daí, costumo trazer

para o universo dos alunos e discutir aquilo que eles vivenciam em contato com a mídia, apresentando propagandas, filmes, documentários etc. (MK)

Filmes e vídeos educativos. (NA)

Vídeos baixados de sites da internet, vídeos de programas esportivos para serem debatidos, filmes relativos aos temas trabalhados. (MR)

Percebemos que já existe uma cultura de procurar assuntos na internet para subsidiar as aulas. Conforme pesquisa realizada por Pereira (2009), as práticas culturais dos professores podem influenciar no uso das mídias em suas aulas e se elas forem associadas aos gostos e preferências suas e dos alunos, talvez isso seja um diferencial para que flua a mídia-educação e a torne mais prazerosa, não reforçando a tradicional educação bancária (FREIRE, 1987).

Diferentemente dos usos pessoais (como vimos na Tabela 1), vemos que a internet não se materializou como uma cultura de uso no campo escolar, ou seja, ainda não é uma unanimidade em utilização nas práticas pedagógicas como é a televisão (4 sujeitos informaram que utilizam a internet em suas aulas). É importante destacar que os 2 professores que não utilizam a internet em suas aulas não têm laboratórios de informática em suas escolas. Na contramão desses 2 professores, o universo da pesquisa revela o contexto de uma professora que acredita estar imersa numa realidade bastante peculiar:

A escola tem o programa "Um Computador por Aluno" (UCA), cada estudante tem seu laptop, costumo trabalhar frequentemente com os laptops do UCA. Mas o laboratório existe e com a existência dos laptops o uso desse espaço é mais raro. (MR)

Ainda sobre o uso da internet, com exceção dos 2 professores que não utilizam tal recurso por não possuírem o espaço/equipamentos na escola, os outros 4 responderam que costumam utilizar, mesmo que às vezes. Em suas respostas, o uso para pesquisas foi o que mais apareceu. Além disso, mencionaram os seguintes usos:

Pesquisas, acessos a textos e vídeos, produção de textos, disponibilização de materiais on-line, contato com os alunos em horários extra-aula via e-mail e redes sociais. (MR)

Estimular a pesquisa na web, porém sempre direcionando para os objetivos de aprendizagem estabelecidos, promovendo o diálogo e a discussão. (MK)

Por fim, os professores relataram – sobre a participação na pesquisa e o acompanhamento das informações sobre as Olimpíadas/Paraolimpíadas 2012 – que consideram a possibilidade de relacionar as informações observadas no processo de acompanhamento dos JO/JPO com o processo de ensino na escola (04 respostas). Este é um dado significativo, uma vez que, está em jogo a formação dos alunos e professores para o campo esportivo (PIRES, 2002), ou melhor, o exercício de olhar crítico para os fenômenos que nos aparecem mediado pelas comunicações, como um megaevento Esportivo.

Na pesquisa, dois professores consideraram que sua participação foi espontânea pelo fato de estar sempre atento aos eventos esportivos, no entanto, a pesquisa revela também que 3 deles não costumam ficar atentos ao evento, pensando no aspecto pedagógico e relacionando com sua vida escolar, ou seja, o preenchimento do questionário-recordatório ao longo do acompanhamento em 2012 ocorreu a partir da internet, por ser algo mais cômodo, buscando as informações no momento que fosse mais oportuno.

Dois aspectos distintos e importantes que se configuram nessas respostas. O primeiro implica na relevância de um estudo dessa natureza, uma vez que estamos diante dos profissionais que estão na linha de frente na mediação entre o fenômeno esportivo e a formação dos alunos no âmbito da escola regular e que urge cada vez mais a aproximação da universidade com seus núcleos de pesquisas, e a escola no intuito de desmistificar o fetiche produzido pelos megaeventos esportivos. Como

Ulisses (na Odisséia, passagem das Sereias), a tomada de decisão não é fácil, atar-se ao mastro, mas ouvir o canto, ou tapar os ouvidos e nunca senti-lo. O poder do esporte midiático soa como um processo que rebaixa os sujeitos à condição de meros consumidores e sem reflexão crítica, é o processo de *Indústria Cultural* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) que adultera a sua percepção para o mundo. Assim, vemos que os professores estão procurando uma interlocução para formação dos alunos que leve à auto-reflexão crítica e isto é significativo para a emancipação. Vejamos:

Durante as aulas e de acordo com as temáticas de cada turma (conteúdos específicos: futebol, voleibol, basquete), tentava trazer questões relacionadas com a pesquisa. (MA)

Sempre em eventos esportivos, como: Copa do Mundo de futebol, Olimpíadas, Jogos Panamericanos – solicito aos alunos a pesquisarem sobre a história do evento, as modalidades esportivas sobre os atletas. Também realizando exposições sobre o evento. (NA)

Pensando o esporte como conteúdo da Educação Física e também os megaeventos esportivos como a sua mais ampla difusão, entendo ser preciso debater e problematizar questões relativas ao assunto, tais como: esporte e política, esporte e mídia, esporte e negócio, esporte e saúde, enfim, temas atuais, de extrema relevância no processo educacional e também assuntos contemporâneos. (MK)

Por considerar o evento esportivo “Olimpíadas e Paraolimpíadas” de fundamental debate junto aos estudantes, o tema já estava previsto para ser trabalhado nas turmas. As observações mais atentas permitiram trazer outras questões para o debate, aguçando a reflexão coletiva com os alunos acerca de megaeventos esportivos, sua relação com o sistema político econômico capitalista e a especulação financeira e midiática, a multiplicidade de “produtos” vendidos/disponibilizados, a questão dos grandes campeões mundiais e seus processos de treino e a reflexão sobre os efeitos disso tudo para os países/ estados menos favorecidos economicamente, para os sujeitos

envolvidos (atletas, trabalhadores do esporte, políticos, espectadores, estudantes etc) e para a própria dinâmica cultural dos países sedes e participantes desses eventos. (MR).

O segundo aspecto das respostas esteve relacionado ao potencial da internet que esboça uma infinidade de possibilidades e já se constitui em um aliado dos professores e alunos, mas, obviamente que precisa ser amadurecido para uma apropriação esclarecida e para emancipação. Afinal, não podemos ficar presos ao que Baudrillard (2011, p.142) denuncia:

A circularidade é o vício: o médium pelo médium – vício de todas as instituições, sistemas e organizações que passam a funcionar em autarquia, sem qualquer preocupação com o objeto e a função. Eis o nosso dilema, vindo do fundo da simulação: e se o signo não se remetesse nem ao objeto e nem ao sentido, mas a promoção do signo pelo signo?

Ou seja, a mídia como ferramenta no âmbito da EFE precisa se utilizar da informação para gerar uma reflexão a partir dos acontecimentos e fatos, ou seja, não podemos ficar avessos à informação como se a mídia não se remetesse a mais nada senão a si mesma como simples mensagens.

Entre os participantes da pesquisa, somente um professor não acompanhou os JO através da mídia, tornando-se impossibilitado de realizar maiores reflexões acerca de nossas perguntas. Quando questionado sobre a alteração no modo de transmissão dos JO – muitos anos exibidos no Brasil pela Rede Globo – declarou que tal mudança dificultou seu acompanhamento nos JO, assim como outros dois entrevistados, como podemos notar em suas respostas:

Considerando que a Rede Globo tem o maior índice de audiência no Brasil, poderíamos dizer que isso prejudicou o acompanhamento de grande parte da população. Inclusive, constatei isso entre meus alunos. Muitos deles não sabiam que 2012 era um ano em que teríamos olimpíadas (ML).

Dificultou, porque tendo outras emissoras transmitindo, você tem o direito de escolher a emissora e o narrador que mais gosta. (NA).

Nas falas acima, o primeiro indivíduo destaca a recíproca dependência do megaevento e sua cobertura midiática: se não há permissão para transmissão, não há porque divulgar e espetacularizar o evento, visto que, deve haver troca mútua de lucros. Isso leva a crer que o espectador não é colocado como o centro das preocupações do telespetáculo esportivo, e sim a lucratividade que cada parte pode proporcionar uma à outra – como já mencionado no início deste texto e como explicitado na seguinte citação:

O capitalismo não entregou os bens às pessoas; as pessoas foram crescentemente entregues aos bens; o que quer dizer que o próprio caráter e sensibilidade das pessoas foi reelaborado, reformulado, de tal forma que elas se agrupam aproximadamente (...) com as mercadorias, experiências e sensações...cuja a venda é o que da forma e significado as suas vidas (SEABROOK *apud* BAUMAN, 2000, p.100).

Já o segundo professor suspende em sua fala a importância da liberdade de escolha, que foi tirada do telespectador ao ser criada a tal exclusividade de transmissão, também intimamente ligada aos lucros proporcionados, deixando mais uma vez o espectador em segundo plano.

Em contrapartida, dois dos professores apresentaram facilidade em acompanhar os JO por conta da mudança de transmissão:

Eu percebi em relação aos Jogos anteriores que mais jogos foram transmitidos e que outras modalidades menos conhecidas apareceram em várias transmissões. Creio que a quantidade de câmeras e os diferentes e inovadores ângulos das imagens, além do sincronismo, que permitia acompanhar diferentes modalidades ao mesmo tempo foi o que me chamou mais a atenção. (MK)

Acredito que tenha ajudado, pois tirou o monopólio de outros anos da TV Globo, no qual a emissora só transmitia aquilo que

lhe conviesse. Em muitos momentos, queria assistir a uma modalidade esportiva, mas a Globo não transmitia. E a Record muitas das vezes deixou de exibir programações rotineiras para dedicar-se aos Jogos, isso foi um fator positivo. (RI)

Nesses depoimentos, é possível identificar a preocupação em explorar melhor a diversidade de esportes participantes dos JO, o que de fato a nova transmissão conseguiu realizar – de acordo com os entrevistados em questão. Com isso, esses professores se mantêm focados na importância do “empoderamento” dos esportes menos conhecidos por não possuírem cobertura midiática devida, visto que se torna mais complicado trabalhar na escola com aquela modalidade que os alunos desconhecem ou sabem tão pouco sobre ela.

Somente um professor afirmou que a mudança de emissora não influenciou no acompanhamento dos JO. Todavia, diante da maioria das respostas apresentadas, podemos concluir que o modo de transmissão e sua popularidade são os principais fatores responsáveis em proporcionar a espetacularização do esporte e, conseqüentemente, do evento. Em razão disso que um dos professores explicitou que maioria de seus alunos “não sabiam que 2012 era um ano em que teríamos Olimpíadas” (MA) e outro que a Globo “só transmitia aquilo que lhe conviesse” (RI), “aquilo”, provavelmente, seria o patamar no qual estaria o melhor retorno financeiro e de audiência.

Quando questionados sobre as possíveis articulações entre o que é transmitido “ao vivo” na mídia e o que é trabalhado em sala, os resultados demonstraram que é impossível negar algo que já está tão enraizado em nossa cultura: a mídia. Entretanto, cada professor trabalha do modo que compreende ser o mais produtivo para a formação do alunado, como podemos observar nas falas abaixo:

Acredito que hoje o professor/educador não deva se furtar de trazer discussões sobre o esporte midiaticizado durante sua prática pedagógica. (MK)

As possibilidades de tematizar o esporte que vemos na mídia são várias e o caminho que decidimos percorrer ao abordar a relação entre o esporte que se vê na mídia e o esporte praticado/discutido/estudado nas aulas vai depender dos objetivos aos quais nos propomos. Discutir o poder da mídia na divulgação dos eventos esportivos e a influência dos canais hegemônicos no nosso nível de conhecimento geral sobre o que acontece no mundo, o que condiciona inclusive nossas escolhas e práticas de lazer. (MA)

Então, penso que os megaeventos esportivos devem ser destrinchados por professores de diversas áreas por envolver vários temas contemporâneos, sem restringir-se ao campo de EF. (MK)

Estabeleço nexos com o evento, colocando os alunos para pesquisarem as modalidades, a história das olimpíadas, das modalidades esportivas, etc. (NA)

Os professores notaram algumas manifestações por parte dos alunos que acompanharam os JO durante as aulas, o que demonstra o poder construtivo simbólico que os megaeventos podem proporcionar no modo de agir das pessoas:

Os alunos buscam informações sobre modalidades que não conheciam, tiram dúvidas sobre regras de esportes que praticam, mas não conhecem a fundo (domínio de todas as regras), e pedem para praticar modalidades que, em outros momentos, não havia tantos atrativos. (MC)

Muitos deles assistiam aos jogos e vinham para as aulas com perguntas sobre regras e esportes que não conheciam. Também comentavam sobre as competições que assistiam, ou seja, as jogadas, os resultados. (MA)

Estilos de cabelos, gestos de alguns jogadores, algumas jogadas, roupas e calçados. (NA)

Eles tentam colocar aquilo que assistiram (teoria) nas emissoras que estavam transmitindo os jogos para a prática esportiva dentro da escola, talvez seja importante, pois, podemos difundir modalidades até então desconhecidas ao público. (RI)

Esses relatos reforçam o entendimento de que é improvável e quase impossível deixar de constituir relações entre a mídia esportiva e as práticas desenvolvidas na escola. O que implica dizer que é melhor construir diálogos com os alunos acerca do funcionamento do ciclo econômico mídia-esporte-atleta, destacando seu poder de levar os adeptos do esporte ao consumo de produtos a ele simbolicamente relacionados. Para Bauman (2000, p.87):

“Vamos às compras” pelas habilidades necessárias ao nosso sustento e pelos meios de convencer nossos possíveis empregadores de que as temos; pelo tipo de imagem que gostaríamos de vestir e por modos de fazer com que os outros acreditem que somos o que vestimos; por maneiras de fazer novos amigos que queremos e de nos desfazer dos que não mais queremos (BAUMAN, 2000, p.87).

A observação feita pelos entrevistados no que diz respeito à publicidade das marcas patrocinadoras do evento/esportes/atletas também foi feita:

Eles não aderiram ao consumo de produtos. Mas, alunos do ensino médio perceberam a relação entre patrocínios/capital/esporte. Essa temática envolveu nossas aulas no período das olimpíadas e pudemos fazer as discussões provocando uma reflexão sobre o que eles estavam acompanhando nas Olimpíadas. Por ocasião de pesquisa encaminhada, muitos alunos identificaram vários vídeos e imagens em que percebiam o apelo comercial associado ao esporte e aos atletas. Pudemos fazer uma reflexão sobre esporte, capitalismo e mídia, na qual foi possível notar o quanto ampliaram o olhar para as questões que subjazem a prática esportiva de alto rendimento. Também fizemos uma comparação com o esporte local, em que não vemos grandes exemplos de sucesso. Inicialmente, os alunos diziam que em Sergipe não havia bons atletas. Com as discussões associadas às observações do que ocorria nas olimpíadas, puderam constatar que o investimento financeiro e da grande mídia no esporte local é mínimo, o que recai na precarização do trabalho do atleta e de todos os outros profissionais que dão suporte ao treino esportivo. (MA)

Sempre observo o interesse dos alunos sobre a marca "Nike". No período dos jogos olímpicos, percebia desenhos em seus cadernos, camisas, e até mesmo, pintados no corpo, acredito que pela influência marcante que os alunos recebem. (MK)

Muitas das vezes vemos pessoas com produtos mostrados nas transmissões dos jogos (propaganda) ou pelo menos imitação desses produtos. (RI)

Finalmente, questionamos aos professores acerca da influência desse megaevento esportivo em suas vidas no que se diz respeito ao âmbito profissional. Todos responderam que houve sim uma parcela importante de aprendizado obtida através do acontecimento em si e de diálogos com os alunos referentes aos JO:

Principalmente porque de algum modo nos afeta enquanto sujeitos. A maçante exposição do evento nas mídias direciona nossas opções de lazer e de algum modo, inspira reflexões sobre o contexto do esporte mundial e local. Também, com as olimpíadas, alunos acompanham pela TV e aparecem na escola com perguntas, comentários e até modismos lançados nesses eventos. Julgo imprescindível acompanhar para poder dialogar e buscar referenciais críticos para promover a reflexão sobre o esporte durante as aulas, ao passo que vivenciamos e nos envolvemos tanto com o que assistimos. (MA)

Acredito que sim, por ser um evento amplamente difundido pela mídia, os alunos possuem um grande contato com o evento. Neste sentido, os alunos sentem-se curiosos a entender ainda mais aquilo que está se passando, logo nós, como professores, temos o dever de facilitar o entendimento dos alunos sobre o que se passa. (MK)

Sim. Primeiro, porque estabeleço nexos com o evento, colocando os alunos para pesquisarem [...]. Segundo, que percebo que todos opinam (outros professores e sociedade em geral) na profissão de Educação Física quando ocorre um evento como este ou em época de copa do mundo de futebol, em que nós atuemos na formação de atletas, criação de competições, etc. (NA)

Aprendemos muito com os megaeventos. Tentamos muitas das vezes transmitir para a Escola onde trabalhamos. (RI)

Podemos entender que o esporte se trata de uma cultura “uniforme” e mundial, que por conta disso, é mais fácil de ser discutida, principalmente quando ocorre um megaevento como os JO com sede no país em que vivemos. É um acontecimento que se deve explorar ao máximo nas discussões pedagógicas, não somente na área de EF, como também em outras disciplinas escolares.

Considerações finais

Observar o fenômeno esportivo pela lente das diversas mídias, a partir de um megaevento como os JO, traz muitas reflexões e inquietações. Realizar tal observação a partir dos achados de colegas professores e de seus contextos específicos trouxe à tona a necessidade de complexificar ainda mais o processo de pensar o trabalho das mídias no ambiente escolar.

Apropriar-se dos meios, de seus discursos, de suas narrativas, de seus possíveis usos e compreendê-los para além da simples *emissão* de notícias ou do uso instrumental nas aulas de EF requer um olhar crítico-reflexivo ao processo comunicacional que ora presenciamos no século XXI. Requer também um trabalho produtivo, em que professor e aluno possam aprender produzindo mídias.

No estudo, um aspecto observável foi que a captura das informações obtidas pelos sujeitos teve uma incidência das mensagens advindas da televisão e da internet, o que ratifica ainda aquele como veículo de massa e de maior presença na vida das pessoas, e este, como um seguimento novo que a cada dia vem se consolidando em nosso cotidiano. As categorias elaboradas apontam para a necessidade de observar com maior cuidado a maneira como os discursos vão se configurando, à maneira do agendamento midiático-esportivo

(visivelmente percebidas a partir da categoria *Preparação e realização dos Jogos*); na mescla (perigosa, do ponto de vista do conhecimento sobre o universo esportivo) entre informação e entretenimento, conforme os registros da categoria *Entretenimento*; e, por último, na personificação desses atletas, via categoria *Atletas brasileiros*, em que a mídia, em seu conjunto, sempre procura atrair as atenções, gerar expectativas e criar vínculos a partir daqueles atletas que podem ser identificados com seu público.

Enfim, o estudo traz à tona somente a “ponta do iceberg” que é a relação esporte e mídia quando associado aos megaeventos esportivos, mas, que ratifica a necessidade de estarmos atentos a esta relação que tem implicação direta na formação das pessoas, principalmente, dos alunos.

Referências

ADORNO. T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANTUNES, S.E. O “País do futebol” na Copa do Mundo: estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo com jovens escolares. 2007. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, UFSC, Florianópolis, 2007.

AZEVEDO, V.; COSTA, A.G.; PIRES, G. de L. Análise da produção em Educação Física/Esporte e Mídia veiculada nos congressos do CBCE e da INTERCOM. In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4, **Anais...** Pinhão/PR: CBCE, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**, 2 ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUDRILLARD, J. **Tela total: mito-ironias do virtual e da imagem**. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000.

BETTI, M. **Janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998.

BITENCOURT, F.G. Ritual olímpico e os mitos da modernidade: implicações midiáticas. *In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE*, 2, 2004. **Anais...** Criciúma: CBCE/UNESC, 2004.

BOLAÑO, C.R.S. **Mercado brasileiro de televisão**. Aracaju: UFS, 1988.

BORELLI, V. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. *In: CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO*, 25, 2002, Salvador/BA. **Anais...** Salvador: INTERCOM, 2002.

BORELLI, V.; FAUSTO NETO, A. Jornalismo esportivo como construção. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, n.7, p. 61-74, dez. 2002.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FANTIN, M. **Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FERNANDES, A.H. As mediações na produção de sentidos das crianças sobre os desenhos animados. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, 28, 2005, Caxambu/MG. **Anais...** Caxambu/MG: ANPED, 2005.

FERREIRA, G.M. Uma leitura dos estudos dos efeitos: da era das certezas às incertezas e mistérios da recepção. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 28, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: INTERCOM, 2005. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17295/1/R0868-1.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS FILHO, L. A cobertura esportiva no rádio e no jornal. *In*: DIEGUEZ, G.K. (org.) **Esporte e poder**. Petrópolis: Vozes, p. 51-59, 1985.

GOMES, P.G.; COGO, D.M. (org). **O adolescente e a televisão**. Porto Alegre: Unisinos, 1998.

GUEDES, O. Os estudos de recepção, etnografia e globalização. *In*: RUBIM, A.A.C.; BENTZ, I.M.G.; PINTO, M.J. **Produção e recepção dos sentidos midiáticos**. 2ª. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, p.107-118, 1998.

JACKS, N.; TUFTE, T. Televisão, identidade e cotidiano (parte de um projeto integrado). *In*: RUBIM, A.A.C.; BENTZ, I.M.G.; PINTO, M.J. **Produção e recepção dos sentidos midiáticos**. 2ª. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, p.99-106, 1998.

JACKS, N. **Querência – cultural regional como mediação simbólica**: um estudo de recepção. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

JACKS, N.; ESCOSTEGUY, A.C. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

LÉVY, P. **O que é virtual?** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

LINS DA SILVA, C.E. **Muito além do jardim botânico**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1985.

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. *In*: MORAES, D. de (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, p.51-79, 2006.

MENDONÇA, M.L. Comunicação e Cultura: um novo olhar. *In*: SOUSA, M.W. (org.). **Recepção mediática e o espaço público**: novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006.

MEZZARROBA, C. Os Jogos Pan-americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares. 2008. 153p. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física – Teoria e Prática Pedagógica) – Centro de Desportos, UFSC, Florianópolis, 2008.

MEZZAROBA, C.; MESSA, F.; PIRES, G. De L. Quadro teórico-conceitual de referência: megaeventos e o agendamento midiático-esportivo. *In*: PIRES, G.D.L. (org.). **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil**: registros de agendamento para 2014 na cobertura da midiática da Copa da África do Sul. Florianópolis: Tribo da Ilha, p.21-45, 2011.

MINAYO, M.C.S.; GOMES, S.F.D.R. (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

OROZCO, G.G. Hacia una dialéctica de la recepción televisiva: la estructuración de estrategias por los televidentes. **Comunicação & Política na América Latina**, São Paulo, ano 8, v. 22 a 25, p. 57-73, 1993.

_____. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. *In*: MORAES, D. de (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, p.81-98, 2006.

PEREIRA, S.C. Consumo cultural entre professores do ensino fundamental. *In*: GIRARDELLO, G.; FANTIN, M. (org.) **Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças**. Florianópolis: UFSC, 2009.

PIRES, G.D.L. **Educação Física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória; Ijuí: Unijuí, 2002.

PIRES, G.D.L. *et al.* Retrato preliminar da produção em Educação Física/Mídia no Brasil. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO ESPORTIVA, 1, Brasília/DF, 2006. **Anais...** Brasília: Ministério do Esporte, IASI, 2006. Disponível em: <www.esporte.gov.br/conbide>. Acesso: 15 set. 2006.

RESENDE, F. O jornal e o jornalista: atores sociais no espaço público contemporâneo. *In*: SOUSA, M.W. (org.). **Recepção mediática e o espaço público**: novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006.

RIVOLTELLA, P.C. Retrospectivas e tendências da pesquisa em mídia-educação no contexto internacional. *In*: FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P.C. (org.) **Cultura digital e escola**: pesquisa e formação de professores. Campinas: Papirus, 2012.

RUÓTOLO, A.C. Audiência e recepção: perspectivas. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Metodista Digital, n. 30, p. 150-163, 2. sem. 1998. Disponível em: <http://editora.metodista.br/COM30/cap_07.pdf>. Acesso: 18 ago. 2006.

TRIVINÕS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.